

RUA MESTRE TITO

Resolução nº 938 de 16-04-1930

Formada pela antiga rua 24 de Maio

Início na rua Dr. Salles Oliveira

Término na rua Engenheiro Pereira Rebouças

Vila Industrial

Obs.: Resolução promulgada pelo Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em Exercício, Prof. Carlos F. de Paula.

MESTRE TITO

Entre os escravos negros africanos do Capitão-Mór Floriano de Camargo Penteado um se notabilizou, a quem o povo apelidou de Mestre Tito. Como era de hábito, o preto Tito depois de libertado, houve por adotar o sobrenome e cognome de seus ex-senhores, chamando-se então Tito de Camargo Andrade, que tal como todos os de sua raça era adepto fervoroso e devoto do santo negro São Benedito. Tito era um homem hábil e muito estimado por seus senhores, fazia as vezes de pagem do Capitão-Mór, sendo costume acompanhá-lo a pé, quando o mesmo vinha à Vila de São Carlos. E nas horas de folga, tecia chapéus de palha de côco, muito em uso entre os seus parceiros, auferindo por isso bons lucros. Mestre Tito dedicava-se também, à prática de curar feridas dos negros cativos, com tanto êxito, que mesmo depois de liberto, continuou suas curas, geralmente por indicação do dr. Ricardo Gumbleton Daunt, com quem mantinha grande amizade. De posse de sua alforria, Mestre Tito vendo o estado em que se encontrava o cemitério dos negros, no Campo da Alegria, e sabedor de pedido para a erecção de uma igreja dedicada à devoção de São Benedito, propôs-se a fazer a manutenção do antigo jazigo do cônego Melchior Fernandes Nunes de Camargo, bem assim, de todo o campo santo, abandonado que estava, onde de há muito não se procediam enterramentos. Dedicando-se a tão nobre trabalho, percebeu que o local seria ideal para a construção de uma nova capela, dirigindo pedido à sobrinha do cônego Melchior que consentiu e, posteriormente, à Câmara Municipal requereu a concessão de mais alguns terrenos anexos. A ampliação da capela do cônego para a devoção de São Benedito e celebração de missas, fê-lo encaminhar solicitação de autorização ao Episcopado que concedeu-lhe a faculdade, em documento datado de novembro de 1866 e assinado pelo bispo de São Paulo, D. Sebastião Pinto do Rêgo. Havendo a Câmara cedido o terreno, coube a Mestre Tito iniciar a construção. Sendo pouco o dinheiro que possuía mealhado pela confecção de chapéus, teve de lançar mãos de angariar recursos para a sua erecção. Era de se ver Mestre Tito pelas ruas da Vila de São Carlos pedindo óbulo de casa em casa. Embora conhecido e respeitado, nem todos, entretanto, davam fê, e incapazes de compreender sua abnegação o julgavam mal intencionado e partícipe do dinheiro que angariava. Às vezes se zangava, mas a maioria das vezes resignado continuava na sua senda. E com dificuldades prosseguia a construção da

capela, sendo então eleito Procurador da Irmandade de São Benedito. As dificuldades eram cada vez maiores. Para tanto realizavam-se leilão de prendas, quermesses, tudo a fim de se obter fundos para a empreitada. A obra ia caminhando paulatinamente, quase parando. Recebendo algumas críticas dos jornais, Mestre Tito brioso triplicou os seus esforços, já sofrendo do mal que iria lhe tirar a vida. Tito de Camargo Andrade foi elevado ao cargo de Diretor principal e Zelador dos trabalhos de sua igreja, e já nos fins de seus dias, passou a contar com o auxílio de d. Ana de Campos Gonzaga. Pressentindo o seu fim, Mestre Tito requereu à Câmara permissão para seu sepultamento no interior da igreja que estava construindo, vontade essa que não foi atendida pelos edis, que justificaram a existência de lei que proibia sepultamentos dessa natureza. O edifício tinha suas paredes levantadas e já estava coberto, quando os oitenta anos de Mestre Tito pesaram-lhe às costas e não aguentando mais o mal que lhe acometia, veio a falecer a 29-janeiro-1882, ele que havia nascido na África, no ano de 1800, deixando viúva, sua mulher, Joana de Camargo. Não teve o Mestre Tito a satisfação de ver a sua obra concretizada, fato que se verificou pela dedicação de d. Ana Gonzaga, somente a 11-outubro-1885, quando foi inaugurada a igreja de São Benedito, que até hoje existe na praça Anita Garibaldi. Por ocasião de seu falecimento, a "Gazeta de Campinas" em seu necrológico, entre outras coisas, comentou: "Era um cidadão estimável Mestre Tito, digno de um aperto de mão de todos os que compreendem que, neste mundo, há dois títulos de nobreza para o homem - a honestidade e o trabalho, mesmo quando esse homem tenha sido um escravo". O corpo de Mestre Tito foi sepultado no jazigo 259, quadra 21 do Cemitério da Saudade, onde permaneceu até o dia 29-maio-1960, quando seus restos mortais foram transladados em uma urna, para junto do altar-mór da igreja que com tanto esforço e carinho construiu. Aquilo que lhe fôra negado antes, setenta e oito anos após a sua morte foi autorizado pelo Arcebispo de Campinas, D. Paulo de Tarso Campos, devido a um trabalho desenvolvido por Edmo Goulart, quando vereador, qual seja, após sua morte ser enterrado em sua igreja. Ainda no ano de 1885 o cônego João Batista Corrêa Nery, fez colocar em uma das dependências da igreja de São Benedito, os retratos de Mestre Tito, de d. Ana de Campos Gonzaga e de Francisco Bueno de Miranda.

RUA MESTRE TITO



Carlos F. de Paula, Vice-Prefeito Municipal de Campinas, em exercício, etc.

Faço saber que a Camara decretou e eu promulgo a seguinte

RESOLUÇÃO N. 938

(Denominando "Mestre Tito" a uma rua da Villa Industrial)

A Camara Municipal de Campinas resolve :

Artigo 1.º — Fica denominada "Rua Mestre Tito" a rua de oito metros de largura que parte da rua Salles Oliveira em direcção ao prolongamento da rua General Carneiro, entre as ruas Corrêa de Lemos e Prudente de Moraes, na Villa Industrial, nesta cidade.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da presente resolução competir, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

Campinas, 16 de Abril de 1930.

Carlos F. de Paula.

Publicada na Secretaria da Prefeitura em 16 de Abril de 1930.

O Secretario,

Amilar Alves.



RUA MESTRE TITO

HISTÓRIA & PESQUISA

BENEDITO DE OLIVEIRA BARBOSA

MESTRE TITO

Após 92 anos de existência, atravessa hoje o templo de São Benedito, localizado na praça Anita Garibaldi, uma longa caminhada histórica, da qual a maioria de seus fiéis desconhece o passado. Na biblioteca municipal a reportagem colheu elementos que revelam a maneira curiosa com que foi fundada aquela igreja. Segundo Leopoldo Amaral, a idéia de fundação do templo nasceu de um preto africano, escravo, trazido por traficantes e vendido ao capitão mór Floriano de Camargo Andrade, de quem mais tarde ganhou a liberdade, passando a se chamar Tito de Camargo Andrade.

FEBRE AMARELA

Certa ocasião, ou, mais precisamente, pelos idos de 1870, Campinas foi assolada por terrível epidemia de febre amarela, o que obrigou grande parte da população a se refugiar nas localidades circunvizinhas, deixando a cidade quase ao total abandono, tal era o medo do contágio da doença. Mestre Tito, pelas suas habilidades assim chamado, permaneceu em Campinas, e, diante do altar de São Benedito, prometeu que, se não fosse atacado pela moléstia, dedicaria o resto de sua existência à obtenção de meios necessários à construção de uma igreja ao santo de sua devoção. Como primeira medida, reque-

reu à Câmara Municipal, de então, a concessão de um terreno para aquela finalidade religiosa. Isto feito, dirigiu-se à capital da província, a fim de solicitar das autoridades eclesiásticas a devolução da licença, para a concretização de seu ideal.

FALECE MESTRE TITO

Enquanto Mestre Tito, de opa, percorria as ruas angariando fundos para a construção do templo, o então vigário de Campinas, padre José Joaquim de Souza Oliveira, também dava apoio à formação da Irmandade de São Benedito. Não obstante Mestre Tito ter encontrado grandes dificuldades nas lutas empreendidas, conseguiu o necessário para poder levantar as quatro paredes e cobrir o edifício, quando então, já alquebrado pelos seus oitenta anos e acometido de uma enfermidade, faleceu aos 29 de janeiro de 1882, deixando a obra por terminar. Ao perceber que a morte se aproximava, mais uma vez reque-riu à Câmara, desta feita para solicitar permissão para

o seu sepultamento no interior da Igreja que estava construindo. Entretanto, essa sua última vontade não foi atendida, pois os edis, para não contrariarem Lei existente, que proibia sepultamentos dessa natureza, negaram provimento ao pedido.

NOVA ETAPA

Após o seu falecimento as obras permaneceram paralizadas por alguns anos, até que os sentimentos religiosos de na Ana de Campos Gonzaga vieram de encontro aos anseios de Mestre Tito. Tratou ela com extraordinária dedicação, de promover por meios de leilões, saras dançantes etc., a obtenção de meios necessários para dar continuidade às obras do templo. Nessa ocasião, coadjuvando os esforços de dona Ana de Campos Gonzaga, também foi fundada uma comissão constituída dos senhores Francisco Bueno de Miranda, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt e Francisco Alves de Almeida Salles, que contou com a colaboração do engenheiro contrarrâneo Dr.

Ramos de Azevedo, para projetar a fachada do templo. Concluído este, em 11 de outubro de 1885, deu-se a inauguração com grande pompa, sendo consagrante o Bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira. Relata ainda Leopoldo Amaral, que, no local onde hoje se localiza a igreja de São Benedito, outrora existiu o jazigo do Cônego Melchior Fernandes Nunes de Camargo, de Sé de São Paulo, que aqui residia, e, nas imediações, a "Forca de Campinas", "Cemitério dos Cativos", razão porque o escravo escolheu aquele local para a edificação da igreja.

HOMENAGEM

Naquela época, a Câmara Municipal, desejando homenagear o extinto, deliberou designar seu nome a uma das ruas da cidade. Depois disso, tudo que se sabe, é que aquele homem de fé, dorme seu sono eterno no Cemitério da Saudade, no jazigo 259 da quadra 21, hoje em completo abandono, pois, não possuísse ele sepultura perpétua, nada mais existiria a seu respeito. Agora cogita-se da transladação dos seus restos mortais para o interior do templo que se tornou uma realidade; história

("City News", de Campinas, de 12-julho-1981)

RUAS DE CAMPINAS

Por ARTHUR VILLAGELIN

RUA MESTRE TITO

Denominação dada pela Resolução nº 938 de 16-04-1930.

Conhecida anteriormente por Rua 24 de Maio.

Formada pela Rua de oito metros de largura que parte da Rua Salles de Oliveira em direção ao prolongamento da Rua General Carneiro, entre as Ruas Corrêa de Lemos e Prudente de Moraes, na Vila Industrial, segundo a redação da Resolução acima.

Início da Rua Dr. Salles Oliveira.

Término na Rua Engenheiro Pereira Rebouças.

Situa-se no bairro da Vila Industrial.

Obs.: A Câmara Municipal decretou esta denominação, cuja Resolução foi promulgada pelo Prof. Carlos F. de Paula, então Vice-prefeito Municipal de Campinas, em exercício.

TITO DE CAMARGO ANDRADE

Entre os escravos negros africanos do Capitão-mór Floriano de Camargo Penteado um se notabilizou, a quem o povo apelidou de Mestre Tito. Como era de hábito, o preto Tito depois de libertado, houve por adotar o sobrenome e cognome de seus ex-senhores, chamando-se então Tito de Camargo Andrade, que tal como todos os de sua raça era adepto fervoroso e devoto do santo negro São Benedito. Tito era um homem hábil e muito estimado por seus senhores, fazia as vezes de pajem do Capitão-mór, sendo costume acompanhá-lo a pé, quando o mesmo vinha à Vila de São Carlos. E nas horas de folga, tecia chapéus de palha de côco, muito em uso entre seus parceiros, auferindo por isso bons lucros. Mestre Tito dedicava-se também, à prática de curar feridas dos negros cativos, com tanto êxito, que mesmo depois de liberto, continuou suas curas, geralmente por indicação do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, com quem mantinha grande amizade. De posse de sua alforria, Mestre Tito vendo o estado em que se encontrava o cemitério dos negros, no Campo da Alegria, e sabedor de pedido para a erecção de uma igreja dedicada à devoção de São Benedito, propôs-se fazer a manutenção do antigo jazido do cônego Melchior Fernandes Nunes de Camargo, bem assim, de todo o campo santo, abandonado que estava, onde de há muito

não se procediam enterramentos. Dedicando-se a tão nobre trabalho, percebeu que o local seria ideal para a construção de uma nova capela, dirigindo pedido à sobrinha do cônego Melchior que consentiu e, posteriormente, à Câmara Municipal requereu a concessão de mais alguns terrenos anexos. A ampliação da capela do cônego para a devoção de S. Benedito e celebração de missas, fê-lo encaminhar solicitação de autorização ao Episcopado que concedeu-lhe a faculdade, em documento datado de novembro de 1866 e assinado pelo Bispo de São Paulo, d. Sebastião Pinto do Rêgo. Havendo a Câmara cedido o terreno, coube a Mestre Tito iniciar a construção. Sendo pouco o dinheiro que possuía, amelhado pela confecção de chapéus, teve de lançar mãos de angariar recursos para sua erecção. Era de se ver Mestre Tito pelas ruas da Vila de São Carlos pedindo óbulo de casa em casa. Embora conhecido e respeitado, nem todos, entretanto, davam fé, e incapazes de compreender sua abnegação o julgavam mal intencionado e partícipe do dinheiro que angariava. Às vezes se zangava, mas a maioria das vezes resignado continuava na sua senda. E com dificuldades prosseguia a construção da capela, sendo então eleito Procurador da Irmandade de São Benedito. As dificuldades eram cada vez maiores. Para tanto realizavam-se quermesses, leilão de prendas, tudo a fim de se obter fundos para a empreitada. A obra ia caminhando paulatinamente, quase parando. Recebendo algumas críticas dos jornais, Mestre Tito brioso triplicou seus esforços, já sofrendo do mal que iria lhe tirar a vida. Tito de Camargo Andrade foi elevado ao cargo de diretor principal e zelador dos trabalhos de sua igreja, e já nos fins de seus dias, passou a contar com o auxílio de d. Ana de Campos Gonzaga. Pressentindo seu fim, Mestre Tito requereu à Câmara permissão para o seu sepultamento no interior da igreja que estava construindo, vontade essa que não foi atendida pelos edis, que justificaram a existência de lei que proibia sepultamentos dessa natureza. O edifício tinha suas paredes levantadas e já estava coberto, quando os oitenta anos do Mestre Tito pesaram-lhe às costas e não aguentando mais o mal que lhe acometia, veio a falecer a 29 de janeiro de 1882. Não teve o Mestre Tito a satisfação de ver a sua obra concretizada, fato que se verificou pela dedicação de d. Ana Gonzaga, somente a 11 de outubro de 1885, quando foi inaugurada a igreja de São Benedito, que até hoje existe na Praça Anita Garibaldi. Por ocasião de seu falecimento, a "Gazeta de Campinas" em seu necrológio, entre outras coisas, mentou: "Era um cidadão estimável, Mestre Tito, digno de um aperto de mão de todos os que compreendem que, neste mundo, há dois títulos de nobreza para o homem — a honestidade e o trabalho, mesmo quando esse homem tenha sido um escravo". O corpo de Mestre Tito encontra-se sepultado no jazigo 259 da quadra 21, do Cemitério da Saúde, em sepultura no mais completo abandono.



nista de coração e escravocrata por sistema, que sempre foi amigo de Tito de Camargo Andrade. Este, de posse da alforria, dedicou-se mais, ainda, ao trabalho em que ocupava grande parte de seu tempo, até conseguir sua liberdade. Pertencente à Irmandade de São Benedito, vendo o estado em que se encontrava o cemitério de seus antigos parceiros, sabendo da existência de pedidos que se haviam feito para a construção da igreja dedicada ao santo de seu culto e devoção, não teria tido melhor lembrança senão a de continuar a manutenção e ampliação do antigo jazigo do Cônego Melchior, de quem já quase ninguém cuidava, além do relativo abandono em que se encontrava o cemitério ali mesmo em suas proximidades. Ali estavam sepultadas pessoas de prôl da antiga Vila que se fizera cidade, não só o construtor do jazigo, como também sua irmã d. Gertrudes, além de outros elementos importantes como foram ter sido d. Manoela Joaquina de Oliveira, primeira esposa do Major Joaquim Quirino dos Santos, que deixara numerosa prole, dentre eles Bento Quirino dos Santos; também lá estava o côrpo do primeiro prefeito que Campinas tivera lá pelos anos de 1835, antigo proprietário das fazendas "Saltinho", "Morro Alto" e outras do município, além de ter sido o comandante do Batalhão que combaterá na Venda Grande, "seu" Capitão Antônio Manoel Teixeira.

A existência, portanto, do velho jazigo no qual haviam cessado, havia muito, os enterramentos, chamou-lhe, portanto, a atenção, como lugar já por si convidando a ser escolhido para uma nova capela, tanto mais que se deveria esperar que os parentes das pessoas ali sepultadas concorressem para a obra a fim de resguardar da futura profanação um lugar que tanto recomendava às suas afeições.

Ainda vivia a sobrinha do Cônego Melchior, a d. Luiza Francisca e desta senhora foi que obteve primeiramente o consentimento para a edificação, o que conseguiu por intermédio de um seu parente, ou nosso velho conhecido dr. Ricardo Gumbleton Daunt. Requereu-se então, à Câmara Municipal a concessão de mais alguns terrenos anexos ao jazigo, havia sido concedido e, depois destes passos preliminares o Mestre Melchior abonou por atestados da edilidade e mais autoridades, solicitou a aprovação do ordinário divisano provisório, autorizando-o a levar a efeito a proposta de construção. Para isso enviou êle um officio à Câmara Municipal pedindo informações para serem encaminhadas por officio ao Exmo. Sr. Bispo da Diocese de Campinas, no qual o mesmo "pedia faculdade de proceder a consertos e aumento da Capelinha chamado do Cônego Melchior e cedi-cála a São Benedito, procedendo-se nela à celebração de missas, o que seria, conforme se annunciou, de grande vantagem para os moradores do remoto bairro campineiro". Era justa e razoável a proposta de Tito e,

TITO DE CAMARGO ANDRADE

O Capitão-mor Floriano de Camargo Penteadó (4.º vol., fls. 46), aqui falecido em 1839, conforme sabemos, legou avultados bens a seus herdeiros. E, como a escravatura ao tempo se avolumára em nosso meio, com o recente desenvolvimento da cultura do café (Benedito Otávio), deixou, também, grande número de escravos, pela maioria africanos.

Entre êles se fêz notável o prêto Tito, a quem o povo apelidou "Mestre Tito", ou, então, depois de integrado na posse de sua liberdade e como era costume, Tito de Camargo Andrade, com sobrenome e cognome de seus ex-senhores. Ainda sob o jugo da escravidão êle, como todos os de sua raça e até os da raça branca e livre, adetos fervorosos e devotos do Etipõe São Benedito, algum tempo cozinheiro do Convento franciscano na Sicília, sentiu-se impellido a tentar elevar uma Capela em louvor do santo de sua devoção.

Talvez fôsse êle mesmo, liberto, integrante da Irmandade de São Benedito, o que seria admissível, apesar de todos os preconceitos contra a sua raça, mas, dada sua condição de fôrro, o que conseguia pouco depois, lhe conferisse outros direitos, principalmente por parte de elementos da Igreja católica. E que, falecido seu Senhor, que o deixara liberto mediante prazo, Mestre Tito não quiz sujeitar-se a nenhuma espera e comprou desde logo sua alforria, segundo diz a tradição, confirmando o que escreveu o dr. Ricardo em artigo sôbre a fundação dessa igreja.

De que modo conseguira Tito quantia para o seu resgate? Di-lo também, o dr. Ricardo segundo a tradição. Escravo estimável e estimado, pájem do Capitão-mor, costumava acompanhá-lo a pé, quando êle vinha à Vila de S. Carlos. Tito era um homem hábil. Nos seus lazeres, entregava-se ao mister de fazer chapéus de palha de côco, muito em uso entre os seus parceiros, disso auferindo bons lucros, pela tradicional bondade com que os fazendeiros humanitários permitiam a seus escravos indústrias particulares e próprias. E não é tudo. Dedicava-se, também, à prática de curar feridas dos negros cativos, com tal proficiência, que, depois de livre, era até chamado para certos "casos", por indicação do dr. Ricardo, êsse homem bizarro, abolicio-



por isso mesmo, a Câmara aprovou-a por unanimidade. Encaminhado o documento oficialmente àquella autoridade eclesiástica, dias mais tarde foi expedida a provisão que se lê em seguida, não sem que antes lhes fôsem "concedidos duzentos palmos de terrenos no fundo do jazigo, por cincoenta e cinco na frente para o lado, isto como indenização e troca com o antigo cemitério dos prêtos que por ali existiu antigamente, cujo terreno pertencia à Irmandade de São Benedito".

Este documento da permuta do velho terreno que havia sido concedido pelos representantes do povo à Irmandade de S. Benedito, não conseqüiu encontrá-lo mas, é óbvio que a mesma se efetuára pela troca com o da primitiva concessão, por motivos que facilmente se podem comprehendêr. Certo é que a provisão recebida por Mestre Tito dizia o seguinte:

"D. Sebastião Pinto do Rêgo, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo desta Santa Madre Igreja de São Paulo, do Conselho de S. M. o Imperador, e Comendador da Ordem de Cristo, etc.

Aos que esta nossa provisão virem, saúde e bênção em o Senhor.

Fazemos saber que, atendendo Nós ao que por sua petição nos representou Tito de Camargo Andrade; Havemos por bem, pela presente, conceder-lhe facultade para que possa erigir ou reedificar a Capela, do finado Cônego Melchior, dedicada a S. Benedito, e na mesma não se poderá celebrar o santo sacrifício da missa e os demais officios divinos sem nova provisão nossa e para aquisição da qual precederá informação do muito reverendo Vigário colado sobre a capacidade e decência da referida Capela, sobre os respectivos paramentos e necessário patrimônio. Esta será apresentada ao dito muito reverendo Vigário Colado da Cidade de Campinas, em cujo município está situada a sobredita Capela, para registrar no livro do Tombo da Matriz. Dada nesta Câmara Episcopal desta Imperial Cidade de São Paulo, sob nosso sinal e selo das nossas armas, aos 27 de novembro de 1866. E eu, Cônego Antônio Augusto de Araujo Moniz, escrivão da Câmara Episcopal, a subscrevi.

(a) † Sebastião, Bispo de S. Paulo."

Nada mais se continha em a dita provisão, a qual fielmente copiei. Campinas, 8 de maio de 1867. (a) O Vigário Colado, José Joaquim de Souza e Oliveira".

Entremettes a Capela de São Benedito ia se construindo vagarosamente. Mestre Tito solicitou, ainda mais, outros duzentos palmos de terreno para "cômodo do terreno do edificio e que poderia ser dado por ser de conveniência pública ou vendido por módico preço ou aforado perpetuamente". E conseguiu-o.

A transação se efectuou em 12 de janeiro do ano seguinte, quando "tendo a Câmara ido ao lugar do terreno pedido por Tito de Camargo Andrade, constante da petição presente, achou-se que se pode dar a porção de terreno pedido para anexar a Capelinha, sendo duzentos palmos no fundo da mesma e cincoenta e cinco palmos na frente, para o lado de cima, isto com indenização ou troca com o antigo cemitério dos prêtos que por ali existiu antigamente, cujo terreno pertence à Irmandade de São Benedito".

E era de vêr se Mestre Tito no seu afã, durante anos e anos a pedir esmolas para o efeito. De ópa, com as côres branca e prêta da Irmandade, ao peito a "caixinha" de praxe, com a imagem do santo, lá ia êle pelas ruas em fóra, de porta em porta, procedendo à coleta, com o apêlo cantarelado que se ouvia comumente de sua boca: "Esinola prá São Benedito".

Ora, isto não se fazia sem vexames para o andador, que é o nome técnico dos pedintes de óbulos nas confrarias. Como a todos que se esforçam por causa nobre em meio acanhado, outróra, como agora, acontecia-lhe que alguns, incapazes de comprehendêr abnegação tanta, o julgavam por caprice do dinheiro que angariava, quando êle, muitas vêzes até, trazia consigo, ao ombro, a matéria-prima, a palha destinada ao fabrico de chapéus, a que nos referimos. Outros, talvez, mais por vontade de fazer filhinhos do que mesmo por malevolência ou espirito antireligioso, com duas palavras que algum engraçado juntaria para rima, ao pedido de: "Esmola para São Benedito"...; respondiam:

— "...Metade pro seu vigário — Metade pro Mestre Tito"...

O andador ora se zangava, ora prosseguia calado, na resignação de quem se sacrificá pela vitória de um ideal. E para isso, muitos também o auxiliaram. Para núcleo da Capela projetada, por exemplo, a pedido do dr. Ricardo, D. Luiza Francisca de Moraes doou o jazigo levantado por seu tio no chamado Campo da Alegria. E a construção prosseguia com alguma dificuldade, apesar de todos os esforços do antigo escravo do Capitão Floriano que, pouco tempo depois, era eleito procurador da Irmandade, segundo se infere deste documento, publicado na "Gazeta de Campinas", número 161, de 4 de junho de 1871:



MESTRE TITO

Após 92 anos de existência, atravessa hoje o templo de São Benedito, localizado na praça Anita Garibaldi, uma longa caminhada histórica, da qual a maioria de seus fiéis desconhece o passado. Na biblioteca municipal a reportagem colheu elementos que revelam a maneira curiosa com que foi fundada aquela igreja. Segundo Leopoldo Amaral, a idéia de fundação do templo nasceu de um preto africano, escravo, trazido por traficantes e vendido ao capitão mor Floriano de Camargo Andrade, de quem mais tarde ganhou a liberdade, passando a se chamar Tito de Camargo Andrade.

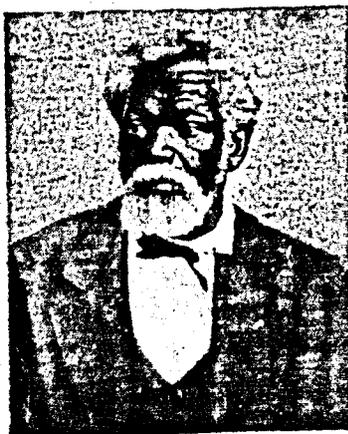
FEBRE AMARELA

Certa ocasião, ou, mais precisamente, pelos idos de 1870, Campinas foi assolada por terrível epidemia de febre amarela, o que obrigou grande parte da população a se refugiar nas localidades circunvizinhas, deixando a cidade quase ao total abandono, tal era o medo do contágio da doença. Mestre Tito, pelas suas habilidades assim chamado, permaneceu em Campinas, e, diante do altar de São Benedito, prometeu que, se não fosse atacado pela moléstia, dedicaria o resto de sua existência à obtenção de meios necessários à construção de uma igreja ao santo de sua devoção. Como primeira medida, requereu à Câmara Municipal, de então, a concessão de um terreno para aquela finalidade religiosa. Isto feito, dirigiu-se à capital da província, a fim de solicitar das autoridades eclesiásticas a devida licença, para a concretização de seu ideal.

FALECE MESTRE TITO

Enquanto Mestre Tito, de opa, percorria as ruas angariando fundos para a construção do templo, o então vigário de Campinas, padre José Joaquim de Souza Oliveira, também dava apoio à formação da Irmandade de São Benedito. Não obstante Mestre Tito ter encontrado grandes dificuldades nas lutas empreendidas, conseguiu o necessário para poder levantar as quatro paredes e cobrir o edifício, quando então, já alquebrado pelos seus oitenta anos e acometido de uma enfermidade, faleceu aos 29 de janeiro de 1882, deixando a obra por terminar. Ao perceber que a morte se aproximava, mais uma vez requereu à Câmara, desta feita para solicitar permissão para o seu sepultamento no interior da Igreja que estava construindo. Entretanto, essa sua última vontade não foi atendida, pois os edis, para não contrariarem Lei existente, que proibia sepultamentos dessa natureza, negaram provimento ao pedido.

(O Vice Prefeito Municipal, em exercício, dr. Carlos Francisco de Paula, decreta em 15.04.1930, de conformidade com a Resolução 938 da Câmara Municipal de Campinas, denominar-se "Rua Mestre Tito" a rua de oito metros de largura, que partia da rua Sales de Oliveira, em direção ao prolongamento da rua General Carneiro, entre as ruas Correa de Lemos e Prudente de Moraes, na Vila Industrial).



o escravo que construiu uma igreja

HOMENAGEM

Naquela época, a Câmara Municipal, desejando homenagear o extinto, deliberou designar seu nome a uma das ruas da cidade. Depois disso, tudo que se sabe, é que aquele homem de fé dorme seu sono eterno no Cemitério da Saudade, no jazigo 259 da quadra 21, hoje em completo abandono, pois, não possuíse ele sepultura perpétua, nada mais existiria a seu respeito. Agora cogita-se da transladação dos seus restos mortais para o interior do templo que se tornou uma realidade histórica para nossa cidade. Aguarda-se portanto a remoção de seus despojos para o local devido, medidas já estão sendo tomadas, e dias virão em que sua última vontade ainda será realizada.

NOVA ETAPA

Após o seu falecimento as obras permaneceram paralizadas por alguns

anos, até que os sentimentos religiosos de dona Ana de Campos Gonzaga vieram de encontro aos anseios de Mestre Tito.

Tratou ela com extraordinária dedicação, de promover por meios de leilões, saras dansantes etc., a obtenção de meios necessários para dar continuidade às obras do templo. Nessa ocasião, coadjuvando os esforços de dona Ana de Campos Gonzaga, também foi fundada uma comissão constituída dos senhores Francisco Bueno de Miranda, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt e Francisco Alves de Almeida Salles, que contou com a colaboração do engenheiro conterrâneo Dr. Dr. Ramos de Azevedo, para projetar a fachada do templo. Concluído este, em 11 de outubro de 1885, deu-se a inauguração com grande pompa, sendo consagrante o Bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira. Relata ainda Leopoldo Amaral, que, no local onde hoje se localiza a igreja de São Benedito, outrora existiu o jazigo do Cônego Melchior Fernandes Nunes de Camargo, da Sé de São Paulo, que aqui residia, e, nas mediações, a "Forca de Campinas", "Cemitério dos Cativos", razão porque o escravo escolheu aquele local para a edificação da igreja. É digno de registro o fato de que por ocasião do falecimento de Mestre Tito, a "Gazeta de Campinas", de então, comentando o fato, entre outras coisas dizia: "Era um cidadão estimável Mestre Tito, digno de um apeto de mão de todos os que compreendem que, neste mundo, há dois títulos de nobreza para o homem — a honestidade e o trabalho, mesmo quando esse homem tenha sido um escravo".



Rua Mestre Tito - uma travessa da Salles de Oliveira, ao lado do Teatro Castro Mendes.

"Irmandade de São Benedito.

O abaixo-assinado roga a todos os Irmãos que se acham atrazados em suas anuidades e joias, para virem satisfazê-las no prazo de noventa dias a fim de com o produto, das mesmas, se continuarem as mesmas obras; do contrário serão eliminados da Irmandade. Na igreja do Rosário e na Capela do santo acham-se listas com os nomes dos devedores e quantias.

(a) *Tito de Camargo Andrade.*"

Nessa época Mestre Tito ocupava o importante cargo de Procurador da Irmandade de que eram; Presidente nato o Padre José Joaquim de Souza e Oliveira e tesoureiro o dr. Ricardo, além de outros diretores. Recorreu-se, também, ao expediente da promoção de Ielão de prendas em benefício da Capela que, difficilmente mas sem paralizar, ia se levantando, paulatinamente, tendo concorrido muito nessa época para que o empreendimento fôsse avante (1872), o sr. Francisco Alves de Almeida Sales.

Mesmo não desanimando em seu mistér, Mestre Tito de Camargo Andrade em 1874, parece que baqueou diante de seu trabalho! Era hercúleo o esforço que demandava tudo aquilo para que êle vivesse com sua idade já muito avançada, de um para outro lado, correndo mundo em busca de suas esportulas, quase sózinho. E por pouco o antigo africano fraccassou na sua empresa. Lembrou-o de seu tentame a imprensa da época, escrevendo-se em 2 de setembro do ano referido em Secção livre:

"A empresa da edificação da Capela destinada ao culto de São Benedito, reclama a atenção do público e do Mestre Tito, êste a dar explicações se não quiser sofrer imputações desagradáveis. Consta que Mestre Tito, devoto de São Benedito, obteve do representante da familia dona da pequena ermida conhecida como Capela do Cônego Melchior permisso de edificar a em ponto muito maior; que obteve concessão do terreno anexo, da Câmara, para êste fim; que obteve, também, provisão do ordinário do Bispaado autorizando a construir a Capela; que obteve consideráveis esmolos de particulares e que elevou a edificação até o ponto em que está hoje, para largar da empresa, inesperadamente, o que não podemos deixar de taxar de grave, para com aquêles que lhe tenham fornecido fundos. Diga, pois, o Mestre Tito ao público a verdade. Diga porque

abandonou uma empresa que iniciou com tanto entusiasmo. Diga o que pretende e se a provisão foi revogada. Tem o Mestre Tito a reputação de brioso, o que torna mais estranhável o seu procedimento.

(a) *A curiosidade pública.*"

Era uma verrina, tão comum na imprensa antiga principalmente de Campinas e cuja tradição conhecemos na história que lhe foi dedicada em dois volumes (6.º e 7.º) dêste meu trabalho.

E Mestre Tito, humilde, talvez adocentado para que parecesse assim esmorecer em sua nobre tarefa, cansado quicá de tantas trabalhadeiras que o vinham ainda alcançar em sua velhice, respondeu ao apêlo que lhe fizeram. "Como cavalheiro — escreveram depois — o que lhe é peculiar, se dignou responder com urbanidade a interpeação que lhe fôra feita".

"Sentia-se, no entanto — continuava outra publicação na secção dos encapuçados de nosso jornalismo provinciano — que um qualquer sentimento de delicadeza, de modéstia, de comiserção pelas fraquezas do próximo, haviam-no feito fugir dos pontos essenciaes da pergunta que lhe haviam feito", e lhe inquitiam, de novo, se Mestre Tito obtivera mesmo provisão para fazer a Capela, e como poderiam questões da Irmandade estorvâ-lo em seu mistér? Quem foi que usurpou ou quis usurpar o direito de Mestre Tito, autorizado para a construção? E êle ou não o dono da chave da Capela Velha? Conte, Mestre Tito, o que está acontecendo" — terminava a escondida *Curiosidade pública*."

A resposta do negro fóro foi típica de seu temperamento. Atirava ainda com vontade redobrada ao seu afã de terminar as obras da Capela de "seu" São Benedito, que o haveria de ajudar naquela tarefa ingenuamente de ter que lutar contra o tempo, que procurava destruir a edificação que prosseguia ainda, paulatinamente, sem ter alcançado seu fim, mesmo lutando contra a sombra do mal que o atacava assim, tão rijamente, pelos jornais.

Triplcando seus esforços, no ano seguinte, era Tito de Camargo Andrade elevado para o cargo de diretor principal e zelador dos trabalhos de sua igreja. Foi quando, então, appareceu para auxiliá-lo a senhora de um médico muito bom e muito conhecido na Campinas daqueles dias.

